ALLAN FEAR

13 PEDAÇOS DE DOR

ÍNDICE ASSOMBRADO

PARALISIA DO SONO

Era hora de acordar, eu sabia, mas aqui estou eu, deitado de barriga para cima e mergulhado em densas trevas. Novamente aquela maldita paralisia do sono me afeta, mantendo-me nesta posição com os olhos fechados e incapaz de mover um dedo sequer.

Meu nome é Romário Montanhas, sou advogado trabalhista e sempre acordo bem cedo para ir ao escritório no centro de Mordor Valley. Mas aqui estou eu, sofrendo mais uma vez desse distúrbio do sono que começou na infância, quando tinha meus 10 anos, e que me segue até hoje.

Segundo os médicos, a paralisia do sono é um fenômeno comum, grande parte das pessoas passam por isso ao menos uma vez na vida. Você acorda e sua mente consciente desperta, porém, seu cérebro acha que você ainda está dormindo e o mantém privado dos

movimentos, enchendo a sua cabeça de imagens oníricas.

Bem me lembro o quão assustadora era a paralisia do sono. Eu via coisas, ouvia vozes e até cheguei a ver meu próprio corpo deitado na cama. Mas nós nos acostumamos com tudo, não é mesmo?

Entretanto, aqui estou eu, sentindo essa aflição, essa sensação estranha. Sinto-me prisioneiro dentro do meu próprio corpo, um arrepio gélido percorre minha nuca e ouço meu estômago roncar. Ah! Como estou faminto!

Eu me lembro de ter tido um pesadelo onde alguém me atacava, era uma mulher muito pálida, de olhar selvagem, parecia possessa de raiva. Avançou sobre mim bem no centro da cidade e arranhou meu braço com suas unhas afiadas, eu posso até me lembrar da dor que senti. Várias pessoas a contiveram e não me lembro mais o que aconteceu depois. Sonhos quase nunca fazem sentido algum.

Estou tentando mexer meus dedos, pois sempre fui aconselhado pelo Dr. Faustos, do instituto do sono. Foi ele quem acompanhou

meu caso anos atrás e me dizia para tentar mexer o dedo, pois isso envia um sinal para o cérebro de que eu acordei e me libera dessa maldita paralisia.

Mas minhas mãos continuam paralisadas.

Estou faminto, parece que faz dias que não como nada e meu estômago está se remoendo de fome. Preciso me alimentar.

De repente, ouvi um ruído, e uma claridade ofuscante jorrou sobre mim sua luz brilhante. Meus olhos continuam fechados, mas posso perceber nitidamente que há luz no meu quarto.

Então, começo a ouvir vozes de várias pessoas, estão bem próximas de mim. Teriam elas entrado em meu quarto ou seriam apenas ilusões propícias da paralisia do sono?

-Gouch! – eu posso ouvir o som nojento do meu estômago soar cada vez mais alto, eu nunca mais vou para a cama sem uma boa refeição. Sinto como se tivesse um buraco na minha barriga.

Decidi não perder mais tempo com essas fantasias tolas, afinal tenho que ir trabalhar. Usei de toda minha força. Consegui cerrar os dentes e fechei as mãos, levantando-me com esforço.

-OOOHHH!!! – ouço o coro de vozes assustadas e encaro aqueles rostos apavorados que me fitam incrédulos.

Estou aturdido diante da visão fantástica, olhando para várias pessoas aterrorizadas à minha volta. Umas caem desmaiadas, enquanto outras estão fitando-me com seus olhos cheios de horror.

-OH! – tento exclamar, mas apenas um grunhido estranho sai por minha boca, quando vejo que estou em um caixão e entendo que aquele é meu velório!

Os rostos me parecem familiares, mas a fome é demais, e uma bestialidade inumana toma conta de mim. Uma força insana, feroz, que me faz saltar de dentro do caixão e pular sobre uma das mulheres à minha frente, derrubando-a no chão e abocanhando seu pescoço macio.

Estou faminto! Preciso me alimentar!

Delicio-me com aquela carne quente e suculenta descendo por minha garganta à medida que a devoro, ouvindo seus pavorosos gritos de dor. Ainda sou eu aqui dentro, mas sinto que me transformei em uma daquelas criaturas de andar cambaleante, distintas de emoção, cujo único objetivo é satisfazer o voraz desejo de se alimentar da carne humana.

OS OLHOS DE ELIE

Elie estava sentada naquele sofá de couro, de frente para uma grande TV de tela plana que exibia um filme onde jovens garotas se divertiam num parque de diversões.

Loira, magra, de um rosto muito bem definido como o das modelos de grifes famosas, Elie fitava a cena do filme. Seus olhos, de um tom único de azul-acinzentado, pareciam cintilar.

Tudo que Elie queria era poder ser uma garota normal, poder sair e se divertir com as amigas, ter um namorado e ser livre.

Pobre Elie, ela sabia o quanto era linda, seu corpo era simplesmente perfeito, todos sempre ficavam encantados com o brilho de seus doces olhos. Mas ela não podia se mexer, seria capaz de trocar sua beleza para ter uma vida normal. Ela dependia de outras pessoas para tudo, era, bem dizer, uma inválida.

“Por que tenho que ser assim?”- indagou Elie em pensamentos, sentindo inveja daquelas jovens sorridentes do filme. “Por que não posso ser como todas as outras garotas?”- se perguntou. Não apenas raiva, mas um ódio escuro crescia em seu peito.

Elie não podia falar, não podia se mover, seria esse o preço a pagar por ser tão linda? Mas de que lhe valia toda aquela beleza se ela era uma nulidade?

-Está gostando do filme Elie? – indagou Jéssica entrando pela sala e se sentando ao lado de Elie no sofá. A jovem menina usava um vestido cor-de-rosa com corações brancos estampado e olhava para Elie com um sorriso torto. -Você gostaria de tomar seu chazinho da tarde agora?

Então Elie sentiu uma força obscura e poderosa, talvez causada pela sua forte emoção, ou talvez fosse pela raiva que ela sentia, e conseguiu virar o rosto e encarar Jéssica que, de repente, ganhou uma expressão de terror.

-AHHH!! – gritou Jéssica, tentando se levantar do sofá. Mas foi agarrada pelas mãos frias e duras de Elie. -Socorro mamãe, minha boneca está se mexendo!!

-Chega de ver TV, sem chazinhos da tarde hoje sua garota estúpida!! – os lábios de Elie se moviam enquanto ela pronunciava aquelas palavras amargas, cheias de ódio, num timbre funesto e inumano, enquanto que seus olhos faiscavam um diabólico brilho vermelho. -Agora nós vamos brincar de esconder a alma!

ROLETA RUSSA

“CLIK!”- foi o som que retumbou pavorosamente nos ouvidos de Katarina, fazendo-a estremecer da cabeça aos pés.

A jovem, na casa dos 17 anos, olhava ao redor, sentindo-se estranha, febril, meio grogue, com uma angustia depressiva transbordando de seu peito. Tudo parecia irreal, como se o cenário estivesse embaçado por uma névoa acinzentada e espessa.

Katarina deu-se conta de que estava sentada em uma mesa de mármore redonda, na companhia de três outras pessoas, que não estavam nítidas à sua vista turva. Mas ela podia identificar dois homens, o da sua direita era gorducho, tinha o cabelo curto encaracolado e gemia enquanto choramingava, a face rechonchuda era pálida. Do seu lado esquerdo estava o outro homem, magro, alto e com um grande pescoço fino, o cabelo preto liso

penteado para trás e o olhar fixo na mesa. Os lábios cerrados tremiam, o medo o assombrava.

Katarina ergueu a cabeça e viu à sua frente, na outra extremidade da mesa, uma mulher, que usava um vestido encardido de noiva, era loura, o cabelo amarelo embaraçado se assemelhava à macarrão instantâneo sobre sua face muito pálida. Ela mordia seu lábio inferior, esbranquiçado, fazendo um filete de sangue vermelho-púrpura escorrer pelo queixo abaixo. Seus olhos lacrimejantes e avermelhados fitavam algo sobre a mesa, algo que lhe atormentava o espírito.

-OH!- exclamou Katarina ao pousar seu olhar cansado sobre o centro da mesa e visualizar um revolver de calibre 38, o que a fez ser invadida instantaneamente por um pavor tenebroso.

Tudo era trevas ao redor daquela mesa, a temperatura era fria como um túmulo e um odor estranho penetrava as narinas de Katarina. Um cheiro de morte, semelhante ao que se inspira em necrotérios com notas de formol, mas também de carne em decomposição.

Katarina viu com horror a mulher à sua frente pegar a arma com sua pequena e frágil mão direita, que tremia, hesitante, e a apontou para a própria cabeça. Mais lágrimas desceram por sua face, mas sua mão, embora insegura, estava determinada. Puxou o gatilho e fez um som de explosão rugir como um trovão feroz no aposento sombrio.

Katarina engasgou de horror ao contemplar o estrago da bala na cabeça da mulher, pouco acima do ouvido, e a viu tombar sobre a mesa em câmera lenta, enquanto seu braço desfalecido a acompanhava.

A cabeça da defunta fez um baque ao atingir a mesa, um ruído grotesco, como uma caixa de ovos se quebrando, e ficou imóvel. As lágrimas, agora de sangue vermelho-brilhante, desciam por sua face enquanto seus olhos verde-acinzentados fitavam Katarina cegamente.

Então Katarina viu o homem magro ao seu lado esquerdo se apossar da arma, tirando-a cuidadosamente da mão da defunta e a erguer até a própria cabeça, temeroso, como se aquela fosse a única e drástica solução. Os músculos de

seu rosto estavam contraídos, os dentes cerrados, e um brilho de pavor faiscava em seus olhos arregalados.

"CLIK!"- fez o som quando ele puxou o gatilho e soltou o ar dos pulmões, aliviado, o suor escorrendo em abundância pela testa larga.

Cuidadosamente o rapaz depositou o revolver sobre a mesa, bem na frente de Katarina, que sentiu súbita repulsa ao fitar aquela arma. Queria se levantar dali e correr, fugir o máximo que conseguisse daquela coisa desprezível. Porém ela estremeceu em horror quando sentiu sua mão esquerda se erguer do colo onde repousava e se apossar da arma, cujo metal estava morno. Ela sentia como se uma força sobrenatural estivesse mantendo-a ali, sentada sobre a cadeira dura, obrigando-a a jogar Roleta Russa com aqueles estranhos.

"Faça isso, liberte-se..."- uma voz estranha, distante, semelhante ao ruído do vento soprando folhas mortas começou a cantarolar em sua mente, causando arrepios gélidos que irromperam por sua nuca. "Seja

livre, coloque um fim a essa dor, tudo vai acabar, apenas coloque um fim na depressão...”

O sangue de Katarina gelou em suas veias quando o cano morno da arma tocou em sua cabeça, pouco acima da orelha esquerda, sobre seu cabelo preto. Então seu dedo indicador começou a pressionar o gatilho. Ela queria gritar, fugir daquele horror, mas uma força sombria, obscura, totalmente depressiva, a estava controlando.

Lágrimas geladas começaram a rolar pela face de Katarina, queimando seu rosto. Ela tinha os dentes cerrados, lutando para abaixar seu braço e jogar aquela arma terrível o mais longe possível. Uma agonia tenebrosa assolava seu espírito, tornando-se um pavor incontrolável.

Como que obedecendo sua vontade, o dedo conteve a pressão sobre o gatilho e o braço começou a abaixar, desencostando o cano de sua cabeça. Uma sensação de alívio invadiu seu peito, onde o coração o esmurrava loucamente.

Por um momento Katarina começou a chorar de alívio, feliz por não cometer aquele ato insano de suicídio.

Mas então ela engasgou quando sentiu um gosto ácido de metal em sua boca e deu-se conta, em total estado de choque, que agora o cano do revólver estava em sua boca, entre as fileiras de seus dentes.

Katarina começou a gemer, soluçando loucamente, tentando sair daquela dominação satânica, balançando a cabeça, agitando o corpo e o braço com a arma, tentando gritar, mas sua mão estava firme com os dentes, ajudando a manter o cano do revólver em sua boca enquanto seu dedo pressionava lentamente o gatilho. Até que por fim o disparo aconteceu, como uma explosão, e tudo se tornou negro como a noite. A escuridão a devorou instantaneamente, envenenando todo seu ser com uma depressão profunda e aterrorizante, fazendo-a sentir cada célula ser corroída pelas trevas.

"BANG!"- novamente aquele ruído tenebroso invadiu os ouvidos de Katarina quando ela despertou, sentindo-se grogue, naquele aposento, sentada à uma mesa, na

companhia de pessoas estranhas. Mesmo com sua visão turva, ela viu o corpo de um homem gorducho tombar ao seu lado com a cabeça estourada. Na mão do homem, caída sobre a mesa, repousava um revólver fumegante, o cheiro de pólvora enchendo o ar e dificultando sua respiração.

Katarina chorava, sentindo as lágrimas frias rolarem por sua face, sentindo seu corpo dominado por uma estranha e depressiva força maligna. Pedaços de memórias faiscavam em sua mente como flashes, trazendo amargura, dor e arrependimentos...

Katarina se lembrava daquele dia escuro, sombrio e silencioso em que decidiu colocar um fim em sua vida miserável, pois assim seu sofrimento acabaria, ficaria livre da depressão que a atormentava dia após dia…

Pobre Katarina, como ela estava errada. E agora seu espírito estava ali, naquele vale dos suicidas, onde todos os dias eram negros como a noite, fadada a reviver sua morte e sentindo cada pedaço daquele paradoxo de dor.

Ela havia ensaiado em sua mente, enquanto estava viva, tantas e tantas vezes aquele momento, imaginando que se apossava da arma de seu pai e a apontava para a própria cabeça, feliz por ser algo indolor, rápido e prático, e então estaria tudo terminado. Ela jamais pensou que, na verdade, estava apenas criando o seu próprio inferno e que agora, adormecida pelo torpor da inconsciência, revivia incansavelmente aquilo que projetou com sua vontade criadoura. Para ela, a morte nada mais é do que uma ciranda no carrossel do inferno, sentada à uma mesa em meio as trevas, brincando de Roleta Russa com seus iguais, compreendendo que a morte não é o fim, mas apenas um novo começo.

A VÍTIMA PERFEITA

A garota corria por sua vida, seus gritos esganiçados ecoavam pelos cômodos escuros de sua casa, seus entes queridos não estavam lá para ajudá-la. Ninguém estava. Era uma data especial, e ela estava sozinha em casa com um assassino!

Eu sentia a guisa de insanidade percorrer junto com o sangue em minhas veias, eu a perseguia, numa caçada mortal, como um gato atrás do rato.

Sem opções, a garota avançou em direção as escadas para o segundo andar, eu estava em seu encalço, ainda sorrindo por ter conseguido adentrar sua residência facilmente e surpreendê-la na sala enquanto assistia a um filme de terror na TV. Ela jamais imaginou que um assassino de verdade surgiria no meio da noite, um maníaco que sabia tudo sobre ela, que escolheu o momento perfeito para atacar.

Eu manuseei a grande faca que segurava firmemente em minha mão direita para espetá-la em suas costas quando ela alcançou os primeiros degraus da escada. Mas ela se esgueirou, desviando o corpo, e a lâmina raspou na parede causando faíscas.

Em um golpe rápido, ergui minha mão esquerda e consegui alcançar seus cabelos loiros que se agitavam no calor do momento e puxei-a para mim, dando-lhe uma gravata. Ela gritou, com sua voz rouca, embargada pelo medo, eu ergui a faca e...

-Nicolas! Acorde rapaz!! – falou a mãe dele, dando-lhe um safanão na cabeça enquanto ele estava perdido em seus devaneios sentado à mesa com seu prato de comida intocado. -Sua comida já está fria como um cadáver! Está sem fome?

-Ãh? – balbuciou Nicolas, ainda se lembrando de seu pensamento, frustrado pela interrupção da mãe justo na hora que ele matava a vítima. -Eu estou sem fome. Pode deixar o prato na geladeira pra mim?

-Você tem que parar de ficar lendo esses livros idiotas, está andando cada vez mais

distraído, totalmente no mundo da lua. – falou a mãe, retirando seu prato da mesa e saindo para a cozinha, balançando a cabeça enquanto andava.

Nicolas também deixou a mesa e foi para seu quarto, era por volta das sete horas da noite e ultimamente ele vinha perdendo o apetite àquele horário. Era um rapaz alto, com seus 1,85 metros, magro, de pele clara, cabelo preto curto, sempre penteado para trás com gel, nariz pontudo, que herdou do pai, e ombros largos. Era acanhado, um tanto quanto calado e reservado, de poucos amigos.

Já havia um tempo que Nicolas estava fascinado por histórias de assassinos em série. Ficava horas vendo filmes, documentários e lendo livros sobre este assunto.

Com seus 35 anos, Nicolas não tinha o desejo de se casar, ter filhos e um bom emprego, se contentava em ajudar o pai no RH de uma empresa que prestava serviço de limpeza. Seu maior desejo era se tornar um serial killer reconhecido.

Nicolas jamais havia matado ninguém, nem mesmo no colégio quando apanhava dos valentões. Mas em sua mente sempre planejava mortes horríveis para aqueles garotos, ele chegava a sentir sadismo quando se imaginava tomando a vida de uma pessoa.

Aqueles pensamentos sórdidos, sombrios e perversos, haviam distorcido a mente de Nicolas. Em seu mundo interno, ele se tornara um conhecido assassino em série chamado Lâmina, pois sempre deixava as facas usadas para assassinar suas vítimas espetada no corpo delas, sendo sempre cuidadoso ao deixar apenas as digitais da própria vítima no cabo da arma, uma característica sua para confundir a polícia.

Mas Nicolas havia ultrapassado a tênue linha que separa a realidade da fantasia, estava obcecado para matar alguém. Disposto a tudo para sentir aquela emoção que tanto exercia fascínio nos assassinos.

Não havia outro pensamento na mente de Nicolas a não ser matar, não por vingança ou

por ódio, mas pelo puro prazer de tomar uma vida.

Nicolas deitou em sua cama, ficou olhando a esmo para o teto e deixou os pensamentos invadirem sua mente, relembrando todo o plano que ele havia colocado em ação. Ele ansiava por matar alguém, e tudo já estava preparado, naquela noite ele teria um encontro com sua primeira vítima, isso o excitava, muito mais do que a primeira vez que ele transou com uma garota.

Nicolas se lembrava das últimas semanas que passaram, quando ele saia durante o fim da tarde, andando pelas ruas de alguns bairros afastados, em busca da vítima perfeita.

Demorou quase uma semana, mas naquele final de tarde de uma sexta-feira, Nicolas encontrou aquela jovem garota que não aparentava ter mais do que 25 anos, 1,70 de altura e magra como as modelos de grifes famosas, um cabelo ruivo impecavelmente liso, pele clara como neve e os mais lindos olhos azuis que ele já viu.

Nicolas viu aquela garota quando ela saia de uma loja de artigos religiosos. Suas roupas pretas, a saia rodada com meia calça por baixo, o bracelete e o pentagrama invertido em uma correntinha sobre o peito, diziam que ela gostava de rock, naquele estilo patricinha rebelde.

A garota não o viu. Nicolas era sorrateiro e a seguiu pelo bairro, descobrindo facilmente onde ela morava. Passou a espioná-la e descobriu seu número de telefone no catálogo telefônico. Ligou, se passando por um funcionário do banco procurando pelo Sr. Holfman, após tê-lo visto deixar a casa, e descobriu que a garota se chamava Melissa Holfman.

Nicolas ficou monitorando a jovem Melissa por cerca de duas semanas inteiras. Descobriu que ela não tinha namorado, trabalhava cantando em algumas casas noturnas com sua banda de rock, tinha um gato preto que às vezes a esperava em cima do muro quando ela chegava em casa, gostava de beber, saia com uma amiga para tomar açaí todo sábado à tarde. Descobriu também que ela

sempre usava roupas pretas, tinha uma grande variedade de saias curtas e algum tipo de adereço de couro no pescoço, como coleiras com espetos.

Nicolas havia ficado bem perto dela, incapaz de chegar e fazer amizade pois, atuar, como faziam grandes psicopatas que tinham o lado monstro e o lado galanteador, não era seu forte. Conseguira descobrir que ela sempre saía depois das dez da noite, costumava ir a pé, andando pelas ruas desertas de seu bairro. Passava por quarteirões inteiros de uma grande fábrica de tecidos abandonada e casas em ruinas do outro lado da rua que aguardavam serem demolidas por algum projeto utópico da prefeitura.

Nicolas havia planejado tudo, iria deixar seu Corola estacionado em um ponto estratégico e abordar Melissa, dopando-a com clorofórmio, a colocaria desacordada no porta-malas do carro e a levaria para as profundezas de um bosque, onde a mataria.

Tudo era tão simples em sua mente, a brisa suave que entrava pela janela arrepiava os

poucos pelos que tinha em seus braços, fazendo um sorriso frio, nervoso, se formar em sua face tensa.

Com uma olhadela no relógio em seu pulso viu que marcava 9 horas, estava na hora de ir. Seu carro estava na garagem aguardando-o, sua faca de caça, virgem, estava no porta luvas, esperando por ele.

Era hora de dar vida a seus pensamentos obscuros, de pintar uma macabra cena de assassinato com o sangue de uma jovem garota. Ele mal podia esperar para se deliciar com a notícia no jornal na manhã seguinte, falando do seu primeiro assassinato, informando que o assassino continuava à solta e que as autoridades policiais não tinham nenhuma pista do maníaco homicida.

Nicolas dirigiu seu Corola por cerca de meia hora, estava nervoso, o coração batia acelerado dentro do peito. Era sua primeira vez, mas havia ensaiado tanto, tudo sairia perfeitamente. Ele parou o carro em um local estratégico, atrás de altos arbustos que ficavam

em frente a uma das casas abandonadas, e ficou sentado no banco, com as luzes do veículo apagadas, esperando, pois durante o tempo que ficou observando, apenas Melissa passava ali, naquele horário, a pé, indo para a casa de uma amiga que morava a algumas quadras dali.

Não demorou muito, Melissa era uma garota pontual, sua rotina era sempre cumprida com rigor quanto ao horário. Lá estava ela, caminhando pela rua deserta, iluminada pela luz amarela dos postes e pela meia lua que flutuava em um céu escuro, com poucas estrelas.

Melissa usava botas de couro, uma mini saia curtíssima e uma blusa decotada, com a estampa de uma caveira com uma flor entre os dentes. Seus cabelos ruivos esvoaçavam pela brisa suave. A rua era ladeada por antigas e grossas árvores.

Nicolas abriu a porta e esperou Melissa passar por ele, ela parecia perdida em seus pensamentos, andar por ali era um hábito tão comum que ela se sentia muito à vontade.

Então ele saiu do carro, untou a flanela com clorofórmio, ajeitou a faca embainhada na cintura, dentro da calça Jens e, sorrateiro como um felino, foi atrás da garota com a adrenalina a mil por hora.

Tudo parecia tão irreal para Nicolas, havia planejado isso em sua mente por tanto tempo, abordar a garota e colocá-la em seu carro, temendo que alguém surgisse do nada. Mas ali, aproximando-se de sua vítima, sentindo o solo duro sobre seus pés calçados apenas com meias para não fazer barulho, suas pernas pareciam fraquejar, um fio de voz em seu interior implorava para ele voltar, para desistir daquela loucura. Jamais, em toda sua vida, se sentiu tão excitado e tão nervoso, suas mãos estavam frias, os lábios tremiam... tudo tão irreal...

Nicolas estava se aproximando, cada vez mais perto de Melissa, podia sentir seu perfume amadeirado. Se quisesse poderia até mesmo tocar os fios de seus cabelos ruivos que se agitavam ao sabor da brisa adocicada.

Nicolas pisou em uma pedrinha pontuda, sentiu a dor subir por suas pernas e cambaleou para a esquerda quando percebeu que sua flanela com clorofórmio havia caído no chão. Ele lançou um olhar e a localizou alguns metros atrás, pensou em retornar, mas quando voltou seu olhar para Melissa, um horror mudo assolou seu espírito.

Melissa havia parado e o encarava com uma expressão de surpresa no rosto.

Era hora de improvisar, a mente de Nicolas ia a mil por hora, ele temia não conseguir articular sequer uma palavra devido aquela surpresa, aquilo não deveria ter acontecido. Ele deveria surpreendê-la, mas agora era tarde demais.

-Oi! – começou Nicolas, exibindo um sorriso amarelo, enfiando as mãos nos bolsos da calça Jens, meio sem jeito, tentando parecer casual. -Eu estou meio perdido, acabei descendo no ponto errado e não faço ideia de como chegar no endereço de um rapaz que fiquei de pegar uma placa de vídeo. Desculpa

se te assustei, você foi a única pessoa que vi e resolvi te alcançar, para perguntar.

-Tudo bem. – Melissa sorriu, parecendo gentil. -Qual o nome da rua que você está procurando?

-Deixa eu lembrar, me deu um branco, acho que é Rua Cheyzier, se não me falha a memória. – falou Nicolas, gotas de suas escorriam de sua testa, ele pensava que havia arruinado tudo, mas ali estava ele, naquela parte deserta do bairro, com a vítima perfeita. Por que não a matar ali mesmo? Darias certo? Seria um crime perfeito?

-Humm... eu já ouvi o nome dessa rua, mas não me lembro direito, deixa eu ver... -falou Melissa, pensativa, olhando a esmo para a rua, como se tentasse forçar sua mente a se lembrar.

Nicolas encarou aquela garota linda, inalando seu perfume com notas amadeiradas e, de forma natural, sem levantar suspeitas, sem assustá-la, retirou da parte de trás da cintura aquela grande faca de caça e em um golpe

rápido como o bote de uma cascavel, espetou-a no peito de Melissa.

Um prazer sádico tomou conta de todo o corpo de Nicolas quando sentiu a lâmina da faca penetrar o peito de Melissa. Um silêncio lúgubre reinou sobre eles por um instante, os olhos dela se fecharam e ela se calou.

-Ãh?! – engasgou Nicolas quando aqueles lindos olhos azuis de Melissa se abriram, fitando-o com uma tristeza depressiva e profunda.

-Morre sua maldita!! – gritou Nicolas retirando a faca e voltando a espetá-la no corpo de Melissa. -Morre!!

Nenhuma única gota de sangue escorreu daquelas feridas. Nicolas estava assustado, incrédulo diante daquela situação inusitada.

-Você não pode me matar! – falou Melissa, sua voz doce e suave agora soava como um sussurro triste. Ela segurou o pulso de Nicolas, mantendo a faca enfiada em seu peito e continuou: -Porque eu já estou morta!

-Não, isso não é possível! O que está acontecendo aqui? Era para você morrer, eu ... – as palavras morreram na boca de Nicolas, seus olhos cheios de dúvida e de assombro encaravam aquela garota cuja mão gélida apertava seu pulso com uma força poderosa.

-Veja e preste bem atenção. – falou Melissa naquele fio de voz triste, encarando-o com aqueles olhos azuis cheios de melancolia. Ela retirou a coleira que usava no pescoço com uma das mãos, revelando uma cicatriz feia que ia de um extremo ao outro.

-A maquiagem me ajuda a parecer normal, viva, mas olhe bem para meu pescoço, ele foi rasgado. – ela deu uma risada amarga, a depressão tomava seus olhos, o azul havia se tornado cinza escuro. De tão perto Nicolas podia ver a grande quantidade de maquiagem que ela usava e, junto com seu perfume, pôde sentir um odor estranho, profundo, semelhante a formol, a fragrância da morte.

-Foi há três anos, quando eu me cansei de sair com garotos e decidi terminar com meu namorado, mas ele não aceitou bem o fato de

eu querer sair com meninas e deixa-lo. Então numa noite como esta, ele invadiu minha casa e me atacou, rasgando minha garganta com uma faca de cozinha.

-Meu sangue jorrava do meu pescoço enquanto ele fugia, eu estava sozinha em casa naquela noite, me restava pouco tempo, então usei meu próprio sangue para riscar o sigilo daquele Daemon que por tanto tempo vinha me servindo, e clamei para que ele me ajudasse. O espírito veio e propôs um acordo quando eu já estava desfalecendo, eu aceitaria qualquer coisa para não morrer sangrando como um maldito porco. –um sorriso perverso e frio brilhou nos lábios de Melissa enquanto ela abaixou o braço de Nicolas e se apossou da faca, retirando-a de seu peito.

-Aquele que me serve e com quem fiz um pacto de sangue é um grande e poderoso Rei. Naquele momento prestes a morrer, pela primeira vez eu o vi cara a cara, e ouvi sua voz, não apenas por telepatia como antes. Ele me disse que eu deveria ceifar vidas de pessoas como você e derramar seu sangue para ele em forma de sacrifício!

Nicolas queria gritar, aquilo não deveria estar acontecendo, não era assim que ele imaginou, ele havia planejado tudo, isso não poderia estar ocorrendo. Sua voz estava presa na garganta, ele fechou a mão pronto para desferir um soco na cara de Melissa e em seguida tomar a faca de suas mãos.

Pobre Nicolas, ele engasgou e sentiu o gosto de sangue na boca quando, num ágil e rápido golpe, Melissa enfiou aquela faca em seu estômago. A dor lancinante se espalhou por todo o corpo de Nicolas, enquanto fitava os diabólicos e sombrios olhos daquela garota perversa.

-Gasp! – o som nojento escapou da garganta de Nicolas quando Melissa lhe espetou a faca em sua traqueia.

Nicolas sentiu a dor dilacerar seus nervos à medida que seu sangue vermelho brilhante fluía através das feridas mortais.

"Oh! Então é assim que as vítimas se sentem?"- indagou Nicolas em seus delírios, à medida que seu corpo se desfalecia, entregando-se a uma escuridão profunda e

silenciosa que o levava para o além-túmulo. “É tão intenso... Mas o que é aquilo?”

Nicolas pareceu ver duas silhuetas, como se fossem dois anjos imponentes com asas atrás de Melissa, mas antes mesmo que as formas espectrais ganhassem foco, seu corpo tombou sobre o chão com sua vida se esvaindo juntamente com o sangue que fluía avidamente de seus ferimentos.

-Saudações meu Rei! – falou Melissa fazendo uma reverência, curvando-se ante aquele ser inumano que se manifestara. -És perspicaz meu lorde, instigai o mal nos homens para que eles sucumbam as tentações e assim podeis tragar suas almas para vossa morada infernal.

Os olhos daquele ser primitivo, que se manifestava como duas entidades distintas em forma angelical, brilhavam, queimando como as chamas do inferno, deliciando-se com aquele sangue impuro, viciado de sentimentos mórbidos.

Pobre Nicolas, nem mesmo em seus piores pesadelos imaginou que ao nutrir todos

aqueles sentimentos obscuros e perversos, destruindo e envenenando sua mente com maldade, ele é quem seria a vítima perfeita!

NATASHA

Uma meia lua triste brilhava palidamente em um céu negro como carvão naquela hora morta. O vento frio soprava, agitando os cabelos pretos de Natasha que, solitária, trajando um vestido branco curtíssimo, gemia de dor e tinha as mãos sobre a boca, sentindo uma angustiante dor em seus dentes.

A pobre moça cambaleava pela rua, ainda sentindo a embriaguez de alguns drinks que tomara em uma boate. Mas algo havia acontecido e sua memória estava confusa. Em um instante estava na casa noturna, no outro despertou grogue, caída em um beco fétido e molhado pela chuva de algumas horas. Alguma coisa ruim havia acontecido, teria sido drogada? Quem sabe até abusada?

-HMMMM! – gemeu Natasha, agitando um dos braços quando avistou um carro que

vinha devagar pela rua deserta daquela parte desolada da cidade. A jovem mulher queria falar, pedir por socorro, mas sentia a dor aguda na boca, temia uma fratura e experimentava o gosto de sangue que lhe escorria pelo queixo.

Um homem alto, magro, vestindo roupas sociais, parou o carro e saiu apressado do veículo e veio na direção de Natasha.

-Qual o problema moça? Você foi atacada? – indagou o homem franzindo o semblante, se aproximou e colocou uma das mãos nas costas de Natasha. – Essa parte da cidade é perigosa, deixe-me te levar para um hospital e manter a ferida pressionada para estancar o sangramento.

-AAAAAHHHHH!!!- o grito de dor ecoou da garganta de Natasha quando uma dor lancinante explodiu em sua boca, causando a sensação de sua gengiva ser dilacerada.

-Oh! Meu Deus!! – exclamou o homem horrorizado, presenciando presas enormes e afiadas crescerem na boca de Natasha e fazendo seu sangue esguichar.

-Estou faminta!! – murmurou Natasha, em um timbre de voz que não era mais do que um sussurro áspero, encarando aquele homem apavorado à sua frente, sentindo o cheiro de seu sangue pulsar dentro das veias e as batidas fortes daquele coração apavorado. -Preciso de seu sangue...

O pobre homem, aterrorizado até a medula, tentou correr para seu Corola prata que brilhava, banhado pela tênue luz do luar, mas ele não conseguiu ser rápido o suficiente e sentiu as mãos frias como um túmulo de Natasha agarrarem-no pelos ombros.

-AAAAAARRRRGGGHHHH!!! – o grito de dor, misturado com horror, explodiu da garganta daquele homem quando Natasha afundou suas presas em seu pescoço e começou a sorver aquele néctar vermelho-brilhante que fluía avidamente de sua jugular.

QUANDO EU MATEI O GATO DOS MEUS AVÓS

Lucas era um jovem de 12 anos. Ele estava contente por passar uma temporada de férias na casa de seus avós. Sua avó preparava deliciosas tortas de maçã enquanto que o seu avô lhe fazia incríveis bonecos esculpidos em madeira.

Era uma tarde quente e úmida de verão. Após devorar uma torta de maçã com calda de chocolate, Lucas estava descansando na velha rede, na varanda da residência. Ele balançava de um lado para o outro.

Lucas estava feliz por ficar longe dos pais. Longe da escola. Longe da neve. Ele era um rapaz rechonchudo, de cabelos loiros e anelados. Usava óculos com armação de

plástico e tinha um rosto bolachudo, seus amigos na escola o chamavam de cara de lua cheia ou rolha de poço.

Mas ele não se importava com os apelidos, o que ele mais odiava eram seus pais o obrigando a caminhar, a fazer dieta. Sempre usavam Thális, seu irmão mais velho, como exemplo de saúde. Mas Lucas não se importava com seu peso, ele gostava de comer, se empanturrar e depois deitar enquanto a comida fazia digestão para recomeçar logo em seguida. Seu som favorito era o de seus dentes mastigando comida.

Seus avós o adoravam como ele era, estavam sempre a apertar suas bochechas carnudas e alimentá-lo.

Ele estava sozinho naquela tarde, os avós haviam saído para comprar comida. Iriam preparar bolos e salgadinhos para ele naquela noite.

-Ahhhh!- Lucas deu um grito a plenos pulmões quando uma criatura comeu o dedo de seu pé que pendia do lado de fora da rede.

Assustado Lucas levantou e viu o Sr. Apolônio ronronar depois do salto que dera para abocanhar seu dedo.

Ele repreendeu o felino, dando-lhe um tapa, mas este desviou descendo as escadas da varanda e soltando um miado.

O Sr. Apolônio era o gato dos avós, um animal gordo, de pelo todo preto. Como todos os filhos já haviam se casado e nenhum morava mais com eles, tinham apenas o gato como bicho de estimação.

Lucas não gostava muito dele pois era endiabrado. Certo dia Lucas acordou assustado com ele sobre seu peito, roçando-lhe as unhas afiadas, como um exercício matinal.

Lucas estava com sede, queria beber um pouco de coca-cola, isso ajudava a sentir mais fome para devorar o resto de torta que sobrara.

Ele fez força para se levantar da rede, com sua enorme e saliente barriga pesando uma tonelada, quando viu com horror o parafuso se soltar da parede.

Sem que ele nada pudesse fazer, caiu pesadamente com um estrondo e ouviu um agonizante gemido de dor.

Quando se recompôs se deu conta que caiu justamente quando o Sr. Apolônio passava debaixo da rede.

Lucas perdeu a cor do rosto quando retirou a rede e viu o gato esmagado, o pescoço dobrado em um ângulo impossível.

Lucas ficou desesperado. E agora? Como iria contar para os avós que havia esmagado o gato que tanto gostavam? Lucas tinha que fazer alguma coisa.

Desesperado ele recolheu o corpo sem vida do Sr. Apolônio e o escondeu em um antigo forno a lenha nos fundos da casa.

Pegou sua carteira e saiu apressado. Lembrava que havia um estabelecimento que vendia animais no final da rua. Tinha que achar outro gato parecido lá, talvez pudesse comprá-lo e substituir o Sr. Apolônio. Poderia dar certo. Afinal gatos são todos iguais.

A respiração de Lucas ficava ruidosa à medida que andava com sua enorme barriga saliente balançando de um lado para outro a sua frente.

Achou a loja na esquina, mas estava fechada. Lembrou-se que era sábado, tudo fechava mais cedo naquela pequena cidade.

Mas ele não poderia voltar para casa. Logo os avós sentiriam falta do gato. Se descobrissem que ele o matou por estar tão obeso com certeza nunca mais o iriam aceitá-lo para passar as férias lá. Sua vida estaria arruinada.

Lucas estava andando a esmo pelo bairro quando viu um gato preto entrar numa pequena lojinha de quinquilharias. Ele se alegrou, aquele gato poderia servir.

Lucas entrou na loja a procura do gato, cumprimentou o dono que estava no caixa e começou a andar pelos corredores apertados, ladeados por prateleiras lotadas de brinquedos e revistas. Lembrou-se que certa vez estivera ali e comprou alguns gibis.

Lucas achou o gato num canto, bebendo água numa tigela de plástico. O felino ergueu a cabeça e sibilou para ele. Então percebeu com desapontamento, que o felino tinha grandes manchas brancas na cara e orelhas.

Não serviria, o Sr. Apolônio tinha o pelo todo negro, só se ele o pintasse... péssima ideia. Gato nenhum o deixaria tingir seu pelo.

Desapontado ele se virou e viu algumas latas numa prateleira que chamou sua atenção. Eram coloridas, do tamanho de latas de refrigerante, com desenho de animais. Ele pegou uma que tinha a figura de uma cobra e leu o rótulo: Como ressuscitar sua cobra.

Ele achou bizarro, por que alguém iria querer reviver uma cobra?

Mas então ele viu uma lata com desenho de um gato com o rótulo dizendo: como ressuscitar seu gato.

Não era possível. Ali estava a solução para seu problema. Não sabia como, mas se esta coisa funcionasse mesmo poderia ressuscitar o

Sr. Apolônio e comer o delicioso bolo a noite sem nenhum problema.

Afinal o que teria a perder?

Lucas voltara para casa quase correndo, se a barriga enorme não o atrasasse é claro. Lia a relia as instruções no rótulo em letras miúdas que dizia:

"Ressuscite o seu gato antes que ele apodreça. Esta é uma fórmula incrível desenvolvida para trazer o animal de volta a vida. Basta colocar esta incrível substância num copo juntamente com saliva e pelo do seu gato, misturar bem e..."

Não dava para ler o restante, o papel estava borrado. Como não havia outra fórmula daquela e todas tinham grande parte da embalagem danificada, certamente por ser muito antiga, Lucas se deu conta que deveria improvisar.

Provavelmente, após feita a mistura deveria apenas jogar goela abaixo do animal e esperar que ele ressuscitasse. De alguma forma maluca alguém criou aquilo e valia a pena testar.

Lucas chegou em casa arfando como um buldogue cansado, se certificou de que os avós ainda não haviam retornado e foi para os fundos da casa preparar a substância.

Mas sua garganta estava seca, como se a boca estivesse entupida de algodão. Deixou a lata para ressuscitar gato no chão e correu para a cozinha.

Voltou em seguida com dois copos de plástico azul. Um estava vazio e outro cheio de coca-cola.

Entre uma golada e outra ele despejou o líquido espesso no copo e viu que ele tinha um cheiro podre, como vômito estragado. Sua cor era esverdeada e borbulhante.

Passou por sua cabeça que talvez o dono da loja estava apenas a enlatar seus vômitos e vendê-los para pessoas loucas que achassem que poderiam ressuscitar o gato ou a cobra com ele.

Lucas retirou o gato do forno de pedra e esfregou a boca dele na beira do copo para cair

sua saliva. Um líquido espesso desceu até encher 2 dedos do copo. Ele arrancou alguns fiapos de pêlo do animal e jogou junto à mistura. Mexeu bem com uma colher, tapando o nariz para não sentir aquele cheiro de podridão que era 10 mil vezes pior que o hálito de sua professora de biologia.

Após misturar aquela coisa nojenta ele deu uma longa golada na coca-cola que desceu congelando suas amídalas e segurou o cadáver do gato, pegou o outro copo e foi despejando aquele líquido nojento e viscoso goela abaixo do animal, quando ouviu o barulho de passos e uma voz chamar seu nome. Eram seus avós.

No assombro, Lucas se virou, ainda agachado, escondendo gato às suas costas.

-Por acaso está a fazer o que eu estou pensando?- indagou o avô exibindo um sorriso maroto. –Não seria melhor ir ao banheiro?

-Ãh!?- Lucas sentiu o rosto corar. –Não, eu...- ele tentava pensar –só estava tomando um copo de coca-cola e procurava uma bolinha de gude que caiu.

Lucas levantou o copo para mostrar para os avós.

-Deixa isso aí e venha nos ajudar a desempacotar as mercadorias- falou a avó dando-lhe as costas. –Sr. Apolônio, venha bichano, trouxe sua ração favorita.

Lucas rezava silenciosamente para que o avô não visse o cadáver do gato atrás dele. O velho o fitava desconfiado, coçando a barbicha rala que pendia de seu queixo.

Mas então o avô se virou e foi para a cozinha.

Aliviado Lucas suspirou e deu uma longa tragada no copo de coca-cola em sua mão.

-Argh!- gemeu Lucas ao perceber o erro que cometeu, sentindo aquele líquido nojento de gosto azedo descer queimando por sua garganta. Era pegajoso e encaroçado.

Desesperado ele pegou o copo de coca-cola e bebeu por cima para aliviar a terrível gastura de pelos espetando sua garganta.

Mas ele sabia que precisava vomitar aquele troço. Poderia lhe fazer muito mal. Já podia sentir seu estômago revirar e uma queimação terrível começar.

Apressado, Lucas escondeu o gato dento do forno de pedra e correu para o banheiro, o líquido embrulhava seu estômago, revirando-o e provocando uma dor terrível.

Esperava que funcionasse logo. Que dentro em pouco o Sr. Apolônio pudesse estar andando pela casa novamente, ressuscitado.

Mas antes de chegar no banheiro Lucas sentiu a dor lancinante na barriga aumentar, seu corpo começou a tremer e entrou em convulsão.

Sua boca começou a espumar e os olhos começaram a girar loucamente nas órbitas. A estranha gosma borbulhava em sua barriga, crescia, inchando ainda mais sua pança.

Então o pobre menino caiu pesadamente sobre o assoalho. Tudo ficou escuro. Escuro e silencioso enquanto ele se debatia em espasmos frenéticos.

A avó preparava a massa do bolo quando avistou o Sr. Apolônio entrar na cozinha.

A idosa se abaixou e o pegou nos braços, acariciando seu pelo negro e macio. Ele soltou um miado triste e choroso.

O avô chamou por Lucas quando terminaram de fazer um grande e delicioso bolo de chocolate e diversos salgados. Mas o garoto não respondeu.

Os avós ficaram preocupados quando não viram nenhum sinal do menino e saíram casa à dentro para procurar o neto, quando se depararam com as roupas de Lucas caídas no assoalho, próxima ao banheiro. Chinelo, shorts e camisa estavam jogados no chão, embebidas em vômito e em uma substância estranha.

-Essas crianças de hoje- murmurou a avó –Jogam as roupas em qualquer lugar. – ela já ia se abaixar para recolher as roupas quando o velho a impediu.

-Espere velha. O que é isso?- indagou o avô curioso, se abaixando para examinar uma massa estranha, de um tom rosa muito claro, que cobria as roupas. –Parece pele humana... será que...?

-Não seja tolo velho- disse a avó, recolhendo as roupas. –Crianças não mudam de pele como cobras. Lucas, seu bolo está pronto, onde você está?

Não houve resposta. Apenas o gato que miava tristemente, se aproximando do casal de velhos, como se quisesse lhes dizer algo. Seus miados eram agudos como um lamento profundo e triste.

COMO EU VENDI MINHA ALMA PARA O DIABO

Meu nome é Renan Deyllon, tenho 23 anos e relatarei aqui os acontecimentos bizarros que se sucederam em minha vida e que me fizeram vender minha alma para o diabo.

Eu não sou um ocultista, o mais próximo do sobrenatural que havia chegado até então foi quando brinquei, na adolescência, com tábua Ouija e senti uma leve pressão empurrando minha mão, mas que não deu em nada.

Mas naquele verão há um ano, em uma noite em que me reuni com mais dois amigos e estávamos brincando de desafiar um ao outro,

caímos na besteira de tentar fazer a invocação de um demônio.

Buscamos no Google até encontrarmos um PDF sobre um Grimório antigo com instruções para as práticas invocatórias. A coisa toda era complexa demais, mas buscamos seguir as orientações de um blog que tornava tudo mais prático.

Haviam vários espíritos primitivos no manuscrito e suas descrições. Optamos por um que era tido como um poderoso rei e que, segundo sua descrição, poderia nos conceder grandes fortunas, status e honrarias. Mas claro que eu não acreditava em nada daquilo, senão bastaria um ritual meia boca para tornar qualquer um milionário.

Fomos os três para o sótão de minha casa e usamos algumas varetas de incenso, um papel para desenhar um triângulo e um sigilo. Segundo o manuscrito, seria através daquele símbolo que a entidade viria. Falei algumas palavras estranhas, acho que misturava Latim, e esperamos o demônio aparecer...

Mas é claro que nada aconteceu, a não ser que você considere o fato de eu ter sentido um arrepio na nuca. Fora isso ficamos em silêncio, esperando e esperando, até que começamos a rir daquela situação.

Fui me deitar à meia-noite, meus amigos haviam ido embora, uma chuva pesada começou assim que eles saíram. Lembro que eu dormia tranquilamente quando senti algo puxar meu pé esquerdo.

Um grito escapou de minha garganta, mas foi facilmente abafado pelos trovões que retumbavam do lado de fora da casa.

Levantei de supetão, contemplando o aposento vazio, envolto naquela penumbra fantasmal que, vez ou outra, era iluminada pela luz fantasmagórica dos raios que entravam por uma fresta na cortina.

Pensei que fosse Lili, minha gata preta que, por medo da tempestade, houvesse vindo procurar abrigo em minha cama.

Levantei, chamando o nome da gatinha. Cliquei no interruptor de luz e lamentei

quando as trevas continuaram inundando meu quarto, a energia havia acabado.

Andei na penumbra até abrir mais a cortina e deixar aquela luz azulada dos raios iluminarem o ambiente e eu poder achar a lanterna que guardava em uma das gavetas do criado mudo.

Em posse da lanterna, jorrei aquele círculo de luz amarelada no aposento e procurei pelo felino, mas não o encontrei. Foi quando ia fechar a porta do quarto, que estava entreaberta, que ouvi o barulho de vidros serem quebrados na sala.

Assustado, sem saber se era a gata que estava pirando com o som dos trovões e tentando destruir a casa ou se era algum invasor, caminhei sorrateiro pelo corredor. Passei pela porta fechada do quarto de meus pais e pela porta entreaberta do aposento de minha irmã caçula, que ficavam uma de frente para a outra.

Meu coração batia acelerado, esmurrando meu peito. Entrei na sala e vi que vários porta-retratos, que antes estavam

dependurados na parede com fotos da família, estavam no chão, com suas molduras quebradas e os vidros despedaçados.

Jorrei a pálida luz da lanterna na sala escura, pois como de costume mamãe sempre deixava as persianas bem fechadas, e vi Nicole, minha irmã. Estava parada próximo da parede onde ainda havia um porta-retrato pendurado. Seu cabelo loiro e liso estava solto, ela usava seu pijama branco com desenho de florzinha.

Perguntei o que ela estava fazendo, tentando identificar se ela estava acordada ou tendo um ataque de sonambulismo. Aproximei-me dela de mansinho e toquei de leve o seu ombro. Ela se virou imediatamente e um grito de horror escapou de minha boca.

As feições do rosto de minha irmã haviam mudado, seu aspecto estava diferente, os músculos de sua face estavam demasiadamente contraídos numa assustadora expressão de ódio. Seus lábios exibiam um doentio e demente sorriso de escárnio enquanto seus olhos, que pareciam cintilar em uma cor amarela, fuzilavam os meus. Aquela doce e

meiga garota de 15 anos estava assustadora, parecia... possuída...!

-Você me chamou seu moleque! – foram as palavras que saíram da boca de Nicole, mas não com sua voz fina, e sim em um timbre cavernoso e hediondo. -Eu vim por você, eu sempre venho quando sou chamado, mas na hora que eu desejar e como eu achar conveniente.

Eu queria gritar, queria correr, mas o medo, aquela sensação aterrorizante de medo, me deixou aturdido, mortificado, enquanto fitava aquele ser inumano à minha frente, aquela coisa que se apossara do corpo da minha pobre irmãzinha.

-Eu só estava brincando... – balbuciei, meu maxilar tremia no mesmo ritmo que a lanterna em minha mão, enquanto olhava para aquele horror, sentindo um arrepio. Não, não era um simples arrepio, era mais do que isso, era uma aflição tenebrosa, que tomava todo meu corpo. -Vá embora!...

-O que está acontecendo aqui? – ouvi a voz de minha mãe indagar atrás de mim.

-Uma festa! – zumbou aquela coisa abismal no corpo de minha irmã, voltando seus olhos amarelos para encarar meus pais. Ergueu a mão esquerda e ouvi os gritos de meus pais explodirem no aposento.

Tudo à minha volta parecia girar como em um carrossel alucinado quando vi os corpos de meus pais levitarem e serem pregados na parede. Eles gritavam assombrados, sem entender o que estava acontecendo. A força invisível os mantinha longe do chão, enquanto se debatiam.

-Por favor! – eu comecei a implorar, sentindo as lágrimas rolarem, queimando minha face, enquanto olhava para aquela face demoníaca. Aquela garota não era minha irmãzinha, não mais. -Pare com isso!!

-Eu vim dos mais ocultos lugares de um tempo há muito esquecido, Renan, para atender ao seu chamado. – falou aquele ser no corpo de minha irmã e envolveu sua mão fria em minha garganta. -E agora você quer que eu volte de mãos vazias? Logo eu? Eu sou um grande Rei!

A criatura começou a rir, uma rizada perversa, naquele timbre insano e macabro, enquanto sua mão apertava minha garganta. Soltei a lanterna, aquele horror funesto fazia meu coração fraquejar à medida que eu começava a sentir falta de ar.

-Por Favor! Eu te imploro, nos deixe em paz, eu...- minha voz morreu na garganta.

A entidade me estudou com seus olhos amarelos, aproximando sua face macabra do meu rosto. Seus olhos amarelos encaravam os meus como se pudessem enxergar dentro de minha alma. Neste exato instante, eu senti não apenas aquele medo terrível que me apavorava, eu senti algo mais, uma aflição angustiante, que parecia não apenas machucar meu corpo, mas envolver minha alma com sua escuridão infernal.

-Eu proponho um acordo – murmurou a entidade, soltando-me. Eu caí no chão e toquei de leve meu pescoço ferido enquanto respirava, ofegante, tentando acalmar as batidas de meu coração. -Fazemos um trato ou o sangue de

cada um nesta sala irá derramar em sacrifício a mim! O que me diz, seu tolo?

Eu olhei para meus pais, fracos de tanto gritar e se debater, presos à parede, fitando-nos com seus olhos assustados. Mamãe chorava, totalmente em estado de choque. Eu havia causado tudo isso quando fui me meter com algo que desconhecia, estava pagando o preço de minha arrogância, mas não poderia permitir que minha família também pagasse por isso.

-Eu aceito! – foram as palavras que consegui balbuciar, fiquei de pé, lutando para não cair, minhas pernas fraquejavam, aquela sensação de horror indizível tomava todo meu corpo.

Um sorriso perverso e frio se formou no rosto hediondo daquele ser infernal enquanto ele me fitava com aqueles olhos amarelos.

-Selemos um pacto de sangue – começou a entidade infernal. Pegou minha mão esquerda e, com a ponta de sua unha, rasgou a palma de minha mão, fazendo meu sangue vermelho-brilhante fluir pela ferida. -Sua alma será

minha! Agora repita as palavras que ditarei para que se cumpra este acordo.

Tão logo repeti as palavras, aquele juramento obscuro, meus pais foram libertados daquela magia antiga que os prendia à parede e eles caíram no chão. A coisa maligna deixou o corpo de minha irmã que despertou assustada, sem lembrar de como viera parar na sala no meio daquele pandemônio.

Mas nada foi como antes depois daquela noite. Eu comecei a ouvir vozes, ver vultos e aparições. Eu comecei a surtar, literalmente. Não importava onde eu estava, fosse na mesa do jantar com minha família ou em uma sala de aula, aquela criatura infernal, as vezes com aparência bestial surgia do nada, dizendo que veio para me arrastar para o inferno, e eu começava a gritar loucamente.

Estou tentando achar uma forma de me libertar deste demônio, poder anular aquele maldito pacto, mas agora a coisa complicou pois já faz alguns meses que fui internado em um hospital psiquiátrico e o acesso à internet aqui é muito restrito.

Eu sei que meu tempo é curto e a cada dia que passa estou dando corda no relógio da morte, mas não há nada que eu possa fazer. Eu abri uma porta para o desconhecido e agora não sei mais como fechá-la!

Mas o que mais me apavora é que mesmo quando me obrigam a usar uma camisa de força e me prendem em celas acolchoadas, eu sei que não estou completamente sozinho. Aquele ser cujo nome não me atrevo a dizer, vem, as vezes como uma criatura, mas às vezes na forma de um homem, sentado em cima de um dromedário com uma coroa sobre a cabeça. E eu posso ouvir um som, como a melodia de trombetas ressoar no aposento anunciando sua chegada.

O MONSTRO

Trimmmmm... Trimmmmm... Trimmmmm...

O telefone tocava naquela delegacia quase deserta. O delegado Jon Farder estava na porta do pequeno departamento enchendo a sacola de doces de um menino-esqueleto e de uma bruxinha de cabelos loiros.

As crianças fantasiadas receberam os doces e deram as costas ao policial, saindo correndo pela rua cujo asfalto brilhava, molhado pela chuva da tarde. No céu, nuvens cinzentas e opressoras flutuavam baixas, prontas para um novo temporal.

-Nada como uma agradável noite de Halloween em Mordor Valley! - disse o delegado para si mesmo enquanto caminhava até o telefone que tocava sobre a mesa.

-Departamento de Polícia de Mordor Valley, eu sou o delegado Jon Farder, em que posso ajudá-lo?

-Eu preciso de ajuda! – falou a voz de um garotinho do outro lado da linha, pronunciando as palavras quase que em um sussurro. -Estou com muito medo.

-Qual seu nome meu jovem?

-Doug Willer, - falou o menino do outro lado da linha, -Preciso de sua ajuda!

-Qual o problema? – indagou o delegado, franzido as sobrancelhas e colocando uma caneta na boca.

-O monstro invadiu minha casa!

-E como é esse monstro?

-Ele tem uma cabeça grande, com olhos enormes, dentes afiados e chifres pontudos. Estou com medo. – o menino continuava sussurrando, falando devagar e pausadamente.

-Alguma chamada delegado? – indagou Soraia entrando no aposento, era uma policial, que estava sem uniforme, tinha o cabelo preto

solto e molhado. Parou e ficou olhando para Jon.

-Não, apenas mais um garotinho tentando passar um trote, alegando que um monstro invadiu sua casa. – explicou o delegado enquanto tapava o fone do telefone. -Pode ir, aproveite sua noite com as crianças. Feliz Halloween!

-Até amanhã, delegado. – falou Soraia, acenou para seu colega de trabalho e deixou a delegacia, satisfeita por ter trabalhado apenas meio plantão.

-Olha rapazinho, você não deve temer o monstro, ele veio apenas procurando doces. – falou o delegado voltando ao telefone. -Dê um pouco de doces para ele que estará tudo resolvido, ok?

-Está bem, senhor policial, obrigado. – falou o menino e desligou.

-Todo Halloween é a mesma coisa. – sorriu o delegado, falando para si mesmo, colocando o telefone no gancho e os pés sobre a mesa. -As crianças têm muita imaginação, ainda me lembro da menina que ligou no ano

passado dizendo que havia discos voadores sobrevoando sua casa para abduzir seus doces. Eu adoro o Halloween!!

Naquele momento, em uma das inúmeras casas daquela cidade de Mordor Valley, no Colorado, o jovem Doug Willer de apenas 7 anos, andou até a cozinha e pegou uma vasilha de plástico cheia de doces que sua mãe havia deixado sobre a bancada para que ele e sua irmã mais velha distribuíssem para as crianças que viessem pedir travessuras ou gostosuras.

Doug tinha um olhar triste, sentia-se sozinho em casa sem os pais, sua irmã simplesmente não lhe dava atenção e passava horas no celular com suas amigas.

Doug caminhou com a vasilha de doces até o quarto da irmã, segurando o choro, tentando ser corajoso para entregar os doces para o monstro.

-Olá senhor monstro – falou Doug, com sua voz assustada, o maxilar tremendo enquanto adentrava o quarto e fitava aquela cena macabra, onde um maníaco homicida,

usando uma máscara de monstro esfaqueava sua irmã, que dava os últimos suspiros depois de uma luta perdida. -Eu lhe trouce doces, agora o senhor já pode ir embora e parar de machucar minha irmã.

O psicopata demente se voltou, surpreso, para aquele pobre menino, parado à porta do quarto, cuja vasilha de doces tremia em suas mãos. O assassino empunhava uma grande faca de cozinha pingando sangue.

A FERIDA

Meu nome é Arthur Murfon e sou o cara mais excêntrico do meu bairro. Sou de poucos amigos e pouca conversa, tenho meus 39 anos, de família pequena, e vivo sozinho em um apartamento simples e barato no subúrbio.

Trabalho no almoxarifado de uma empresa de guindastes e vivo minha vida de forma pacata, sempre me isolando das pessoas e colecionando quadros de artistas fracassados que perambulam pelas ruas oferecendo suas artes por uma ninharia.

Era uma manhã fria, eu voltava do armazém com uma sacola de compras quando pisei em um prego enferrujado na calçada. Odeio médicos, retirei eu mesmo o prego e voltei para casa mancando, deixando um rastro de um sangue escuro e viscoso. Eu mesmo cuidaria do ferimento, odeio terceiros me

examinando, tenho a impressão de que eles estão a me analisar como se escolhessem carne no açougue.

Mas a ferida começou a infeccionar, causando uma dor que pulsava na sola do meu pé direito. A pele estava roxa e escura, como se estivesse necrosando. Eu temia ter contraído tétano, mas me recusava a procurar um médico, pois pra mim todos os médicos não passam de uns açougueiros.

Passados três dias, a ferida exalava um odor de carne podre e ao examinar melhor, notei que havia um grande orifício no centro, com a pele ao redor rachada e muito ressecada.

Eu sou desses que quando começa a roer unha, só para quando chega na carne e o dedo fica sangrando, sendo assim comecei a retirar aquela pele escura, ressecada e malcheirosa. Foi então que algo me surpreendeu. A minha pele começou a sair em grossas camadas, revelando uma casca escura por baixo, muito escamosa.

Por fim eu parei, havia me descascado até o meio da canela, a coisa não estava nada bonita e eu comecei a ficar apavorado. Eu sabia

que tinha feito besteira e agora precisaria mesmo de um médico.

-Vamos dar uma olhada nisso! – falou o médico meia hora depois, me deitando sobre a maca em seu consultório e retirando as ataduras que eu havia colocado para encobrir minha perna descascada. -Oh! Mas isso é muito sério rapaz!

O doutor, que estava muito surpreso, me aplicou uma injeção, vacina antitetânica segundo ele, e chamou um enfermeiro corpulento, de pele morena.

-Traga o cutelo imediatamente Ronald! – ordenou o doutor para o enfermeiro assim que este entrou no aposento, seus olhos fixos em minha perna. De repente comecei a ficar zonzo, enquanto ouvia seus diálogos, seus rostos pareciam dançar à minha volta.

-Vamos destrinchá-lo aqui mesmo doutor Fagundes? – indagou o enfermeiro enquanto me olhava com nojo.

Eu tentei levantar e dar o fora dali, entendia que aquela injeção nada mais era do que uma anestesia capaz de derrubar um leão,

e antes de desmaiar eu ouvi aquele açougueiro carniceiro dizer:

-Sim, depois embalamos a carne em sacos para cadáver. –um sorriso perverso brilhava no rosto do doutor Fagundes. -Fazia tempo que um reptiliano não aparecia! Essa iguaria vale uma fortuna no mercado negro!!

INVASÃO NOTURNA

Harrison despertou no meio daquela chuvosa noite com um barulho de vidro sendo quebrado no andar de baixo de sua casa. Ele já tinha sido vítima de assalto tarde da noite, aquele havia se tornado um lugar perigoso.

O homem velho, porém, ainda com certo vigor, pegou sua espingarda que repousava embaixo da cama e saiu para o corredor, na surdina, pronto para surpreender os assaltantes.

"Desta vez vocês não vão me surpreender seus miseráveis."- pensou Harrison, sentindo as amargas lembranças de uma noite, há quase três meses, quando foi surpreendido por assaltantes na calada da noite e não conseguiu salvar sua amada esposa Isabel e muito menos matar os ladrões. "Jamais dormi desde aquela noite maldita, eu estive

preparado todos esses longos meses. Preparado para me vingar!"

Harrison começou a descer as escadas, ouvindo as vozes dos meliantes lá embaixo. Eram dois rapazes, ele podia distinguir pelas vozes. Suas lanternas brilhavam, rasgando a escuridão no primeiro andar. Estavam apreensivos.

"Nem mesmo no campo estamos livres desta escória."- pensou Harrison- "Mas hoje os matarei, eu farei a justiça acontecer por minhas mãos!"

Os bandidos não podiam ouvir a amarga promessa de Harrison, mas isso não importava, ele a faria se cumprir.

Harrison desceu as escadas, estava oculto pelas sombras, com um sorriso perverso em seu rosto envelhecido. Tinha a espingarda na mão e andava com cautela, sendo guiado pela luz das lanternas e os diálogos dos delinquentes que iam em direção a sala.

O horror brilhou nos olhos de um dos bandidos quando Harrison surgiu e apontou-lhe a arma. O bandido se virou, fitando-o.

-AHHHHH!!!- gritou o rapaz e tombou ante o tiro disparado por Harrison. O segundo marginal, igualmente assustado, tentou fugir pelo corredor que levava aos fundos da casa, mas Harrison, com fôlego de causar inveja em muitos quarentões por aí, o alcançou e saltou sobre ele. Sua espingarda caiu, mas ele agarrou o bandido e afundou suas mãos em sua traqueia com um aperto assustadoramente forte à medida que o derrubava.

Pouco depois Harrison ouviu um barulho e viu dois homens adentrando sua casa. Ele ficou apenas observando de um canto escuro da sala. A espingarda estava quase no final do corredor, muito longe para alcançá-la sem ser visto.

-Parece que aqueles dois invadiram a casa do Velho Harrison Fourmen! – falou em tom baixo um dos homens, que usava um bigode. -Dê uma olhada lá em cima, o velho reside sozinho, a esposa foi morta há uns três meses vítima de uma invasão domiciliar.

-Aqueles miseráveis, estão nos dando canseira! – murmurou o outro homem indo

para as escadas com a arma em uma mão e a lanterna na outra. -Primeiro roubam um carro, depois a loja dos Martins e agora invadem uma casa.

-Mas que merda!!- exclamou o homem de bigode, Harrison pôde ver que era um policial, um conhecido seu, ao encontrar os corpos sem vida, um na sala e o outro no corredor próximo. -Ei, Roger, eu encontrei os miseráveis. Estão mortinhos da silva! Mas não vejo ferimentos nos corpos, eu poderia jurar que eles morreram de m...- o policial de bigode não conseguiu terminar sua frase, pois o outro oficial surgiu na porta, com uma expressão de espanto no rosto e disse:

-Alison, você não vai acreditar! – fez uma pausa, como que escolhendo as palavras certas para dizer e completou: - Encontrei o velho Harrison em seu quarto, mas ele já está morto há pelo menos um mês. Já está apodrecendo e pelo que vi deve ter morrido dormindo, eu diria um infarto devido a sua idade avançada e a careta de dor congelada em sua face.

-O quê?! – a expressão no rosto do policial de bigode foi de puro e completo assombro. Ele iluminou os corpos no chão com sua lanterna e indagou: -Mas, então quem diabos matou esses dois?

-Não sejam estúpidos, estou bem aqui seus incompetentes. – falou Harrison, saindo das sombras e encarando os policiais. -Fui eu quem matou esses dois filhos da puta! Ei, o que há de errado com vocês?

Ao se virarem, os policiais, apreensivos, encaravam o ser que surgia diante deles. Seus rostos foram tomados, na verdade desfigurados, instantaneamente, por uma carranca de horror, pois aquilo que estava diante deles não era humano, era algo hostil, decadente, não apenas de uma feiura indizível, horripilante. Mas grotesca, tão vil quanto as criaturas que habitam os pesadelos mais tenebrosos. Gritando, apavorados, os dois policiais saíram correndo daquela velha casa onde aquele ser, que não mais guardava nenhum traço humano, residia, esperando em seu tormento eterno o momento de se vingar.

PORQUE EU ODEIO OS EVANGÉLICOS

Você já sentiu um ódio mortal por alguém? Bem, o ódio que sinto pelos evangélicos é cem vezes pior. Mas, permita-me contar-lhes o motivo, não me julguem precipitadamente.

Era uma noite de sábado. Eles dizem que você deve extrapolar e enlouquecer em noites como esta, e quando eu dei por mim, estava sentada no sofá da sala, depois de uma noitada na boate. Minha visão oscilava um pouco por causa do excesso de álcool e meu corpo ainda estava dolorido depois de tanto transar com caras que eu nem sabia o nome, aquilo foi um verdadeiro swing.

-Manuela, você já tem 25 anos, isso não é vida! Você é uma desviada, olha só o seu

estado, está toda maltrapilha. Olha só essas roupas, moça de família não usa saia tão curta assim, você está parecendo uma meretriz. E esse fedor de álcool que está exalando de você, eu te criei para ser uma moça digna, uma mulher de Deus, e não uma qualquer...

Aquela velha tagarela não calava a boca, ficava repetindo aquela ladainha, repetindo aquilo na minha cabeça, até que eu me levantei do sofá, a empurrei e deixei aquela casa.

A noite ainda não havia acabado, a lua cheia brilhava no céu escuro, eu precisava de mais álcool e mais sexo!

A velha tentou me seguir, mas ficou gemendo de dor naquele braço apodrecido e velho, acho que se quebrou na queda. Mas eu não me importava, eu me sentia viva, sabia que todos os homens desejavam meu corpo de pele clara, lisinha, como pêssego.

Eu andava pela rua enquanto ligava para os meus amigos, dizendo que esta noite valia tudo e que eu ainda estava faminta por mais. A brisa suave e adocicada da primavera soprava, agitando meus longos cabelos ruivos.

Eu estava curtindo aquele lance, longe de casa, sem aqueles velhos enxeridos, indo fundo naquela noite selvagem. Explorando os prazeres da carne, ficando igualmente com garotos e garotas, extrapolando todos os limites, experimentando novas e incríveis sensações.

O Rock pesado com letras cheias de blasfêmias explodia nos alto-falantes daquela sórdida casa noturna, não era difícil entender por que chamavam aquele lugar de inferninho. As pessoas se entregavam as drogas e bebidas, indo além dos limites.

Eu me sentia tão bem, tão viva, eu sentia lábios macios tocando os meus em beijos selvagens naquela orgia infernal. Eu jamais havia pensado que o corpo humano pudesse ir tão longe, experimentar êxtases tão inefáveis, muito além da minha imaginação.

Eu não pensei que eu me apegaria tanto àquilo, eram tantas sensações indescritíveis que eu não queria mais parar. Passei a morar com jovens rebeldes, que viviam em um

apartamento em um bairro bem sórdido da cidade. Eu gostava daquilo.

A sensação de dormir quase o dia todo e sair pelas ruas como criaturas da noite, vagando pelos becos escuros, bebendo, transando e indo para bares e boates barra pesada, era incrível.

Mas eu podia ouvir uma vozinha chata dentro de mim chorando, lamentando, totalmente aflita, pelas coisas que eu estava fazendo. Mas essa vozinha irritante logo se calava quando eu começava a beber e o álcool irrompia pela alcova do meu cérebro.

Em uma noite, quando saíamos, eu e meus amigos, dividindo uma garrafa de vinho barato, eu topei com duas pessoas que me fizeram sentir aquele ódio mortal tomar minha mente.

-Oh! Manuela!? É mesmo você? – falou uma moça, pela semelhança comigo, embora o cabelo fosse loiro, percebi que era minha irmã mais velha, usando uma saia comprida que ia até o meio das canelas. -É ela pastor Márcio, finalmente a encontramos.

-Pelo sangue do cordeiro! Olhe para ela, está parecendo uma meretriz. – falou o pastor, um homem alto, corpulento, de pele morena e uma bíblia embaixo do braço.

Eu tentei fugir, correr, mas eles me pegaram e me levaram até o carro. Eu gritei, mas nenhum dos meus amigos me ajudou, aqueles covardes miseráveis.

Fomos no carro do pastor, que falou que estava procurando-me antes do culto. Segundo ele, Jesus o havia instruído de onde eu estava. Minha irmã Marlene foi ao meu lado no banco traseiro, falando que iriam me libertar, que eu voltaria a ser a boa moça que já fui um dia.

Eu senti medo daquele pastor, ele tinha pelo menos dois metros de altura, eu jamais fugiria dele correndo, mas logo teria uma oportunidade e não a desperdiçaria.

Mas para meu horror o pastor parou o carro em frente a uma igreja evangélica e me conduziu para o altar, haviam várias pessoas de pé em frente aos bancos de madeira, cantando louvores.

A música parou quando o pastou me obrigou a subir no altar e todas aquelas pessoas malditas começaram a me encarar, eu via nojo em suas caras nojentas. -Com a ajuda de nosso senhor Jesus, que me guiou no caminho certo, eu encontrei a jovem Manuela, que como bem sabem havia fugido de casa. – falou o pastor após pegar um microfone. -Hoje ela será liberta!

-Minha filha! – falou aquela velha que eu havia empurrado quando fugi de casa. Ela veio em minha direção com um braço engessado.

-Não se aproxime Dona Isaura! Espere que façamos a libertação de sua filha primeiro. – berrou o pastor, fazendo a raiva crescer em meu peito, a ponto de explodir.

-AAAAHHHH!!! – o grito de horror explodiu de minha boca como fogo quando o maldito pastor passou óleo em minha testa com a ponta do dedo. Aquilo queimou como brasa. Então ele pôs sua mão na minha cabeça e começou a orar.

-Maldito desgraçado! – gritei, finalmente eu me entreguei ao ódio, a fúria que crescia

intensamente dentro de mim estava fluindo. -Eu vou acabar com você!

-Diga seu nome, espírito imundo! – ordenou o pastou, enquanto que uma força terrível prendia meus braços atrás das minhas costas, fazendo-me estremecer. -Fale demônio, eu te obrigo a dizer teu nome pelo fogo do Cristo!

-Meu nome é Nahemah! – eu gritei, gemendo naquela aflição tenebrosa que sobrepujava minhas forças, aterrorizando-me.

-Desde quando você está na vida dessa moça? – indagou o pastor, coagindo-me com um poder terrível, eu podia sentir a presença de seres espirituais trajando vestimentas brancas ao seu redor. -Revele seus planos imundos pelo sangue do cordeiro.

-Já faz um ano que eu a acompanho, eu a segui desde que a vi numa noite na boate. – as palavras saíam de minha boca sem que as pudesse conter, enquanto eu gemia e rangia os dentes. -Eu passei a influenciar ela a beber mais e mais, para que assim eu, Nahemah, filha primogênita de Lilith, considerada a princesa

das Súcubos, demônio feminino da sedução e da luxúria, pudesse possuir seu corpo. Agora ela é minha!

-Já basta demônio imundo! – vociferou o pastor -Em nome de Miguel, pelo sangue do Cristo! Tu vai sair agora deste corpo! Em nome do Cristo saia demônio!! Liberte essa jovem agora!!

-AAAAHHHHH!!! – o grito, semelhante ao lamento de um animal sendo abatido, explodiu de minha garganta. Então uma força poderosa de fogo, começou a me expulsar daquela carne macia, minhas trevas começaram a ser repelidas pelos olhos, boca e nariz daquela jovem garota. As pessoas não pareciam ver enquanto eu deixava o corpo da possessa, como uma fumaça vermelha exalando de seus orifícios e sendo derramada no chão.

Então ali estava eu, fora da carne, longe daquele corpo macio e delicioso que eu trabalhara tanto para que se tornasse minha casca. Do meu ponto de vista eu enxergava a igreja, a luz que a circundava e o antro de trevas que me envolvia. Aquela angústia triste,

depressiva, suja, circulava meu ser, ancorando-me naquela densa região umbralina da quarta dimensão do plano astral.

É por isso que eu odeio os evangélicos. Eu sou um ser eterno, um demônio. Estou aqui, vagando pela face do abismo há muito tempo e quando vou me divertir na carne, experimentar sensações que em minha condição original não é possível, sempre aparece um maldito pastor rodeado de luz para me expulsar.

UM PEDAÇO DE DOR

Eu abri os olhos, sentindo as pálpebras pesarem uma tonelada, e dei-me conta de que estava em um imundo banheiro público. Meus braços ainda abraçavam a privada fétida onde minha cabeça repousava.

Levantei-me, sentindo uma lancinante dor de cabeça que parecia pulsar em minha testa. Inalei aquele odor pútrido e cambaleei pela porta quebrada, minha visão estava turva, me sentia muito desorientado, como quem acorda depois de uma noitada épica com muito álcool.

Cambaleei como um maldito zumbi que acabou de sair da cova até a pia e encarei meu reflexo naquele espelho despedaçado cuja parede de azulejos encardida estava cheia de pichações e frases obscenas.

Meu rosto velho me encarou de volta, minha careca brilhava sob a luz pálida que jorrava do teto e profundas olheiras me davam um ar doentio. Então, forçando a visão na esperança de enxergar melhor, vi que um filete de sangue vermelho-brilhante escorria de uma ferida em minha testa, onde a maldita dor pulsava.

Com cuidado, toquei a ferida e senti algo duro sob meu dedo, tateei melhor e enterrei minha unha na ferida e sufoquei um grito de dor quando comecei a retirar um pedaço de ferro da minha testa.

Extraí com calma, puxando e sentindo o ferro raspar o meu crânio à medida que eu o retirava com certa força.

Por fim, retirei aquele corpo estranho da minha cabeça e o examinei enquanto sentia o sangue descer avidamente pelo meu rosto. Era um grande prego! Mas como um prego veio parar em minha testa? Pelo tamanho de quase dez centímetros era para ele ter causado grandes danos ao meu cérebro, mas eu

continuava respirando, inalando aquele fedor de urina com álcool.

Eu joguei o prego sobre a pia, estava pensativo, tentando entender toda aquela merda. Então reparei que eu estava usando roupas de couro pretas muito apertadas, por isso sentia aquela dor nos pulmões à medida que respirava, as vestimentas comprimiam meu tórax de forma absurda.

-AHHHHHH!!!- o grito explodiu de minha garganta quando aquela dor intensa, hedionda e extrema, invadiu toda minha cabeça, fazendo flashes de imagens distorcidas e desconexas de criaturas inumanas surgirem em minha mente, dilacerando-a.

-Você está pronto? – indagou uma voz que parecia distante, mas pela presença hostil e sombria que encheu minha nuca de calafrios, soube que aquele ser, cuja voz tinha um timbre feminino, porém estranho e cavernoso, vinha bem de trás de mim.

Eu abri os olhos, minha visão turva estava vermelha pelo sangue que descia por meu rosto, e olhei para trás, onde um grupo de

três seres estranhos, trajando vestes negras e com os rostos mutilados, me encararam solenemente. Havia dor em seus olhos sombrios, mas também havia fascínio.

-ARRRGGHHH!!!- mais um grito, este ainda mais animalesco que o primeiro, escapou de meus lábios quando senti mais pregos eclodirem por minha face.

-Aguardemos mais um instante! – falou outra voz, com timbre masculino e gutural, que me pareceu muito distante devido a minha aflição.

Meus gritos pareciam o de um animal sendo torturado, os pedaços de dor eram intensos, e atingiram, por fim, um ponto sem retorno, como um orgasmo que está próximo e então tudo explode.

Um misto de loucura, dor e fascínio tomou conta de minha mente, fazendo-me sentir a dor dilacerante em minha carne. Os pregos brotavam de minha face e uma escuridão fria, suja, profunda, pareceu roubar minha alma à medida que me envolvia.

Então não mais um grito, mas sim um gemido escapou de minha boca quando todo meu corpo se estremeceu em um calafrio que me fez sentir os nervos serem destroçados.

Eu suspirei, abrindo os olhos, entregando-me à sórdida escuridão dentro de mim, e soube que eu estava pronto. A dor agora tinha um novo significado, tinha um propósito, e eu era parte dela.

Virei-me, ainda me regozijando naquela sensação além da simples compreensão humana e encarei meus irmãos, os Cenobitas, e dei um passo para acompanhá-los na nova jornada que se iniciará com aqueles que buscam alcançar um nível acima dos limites dos prazeres da carne.

-Esperem! – falei com minha voz grossa e imponente. -Está faltando algo...

Voltei-me para a pia e peguei aquele prego grande, sujo de sangue, e o coloquei no seu devido lugar, enterrando-o no centro de minha testa, sentindo-o alfinetar meu cérebro.

Eu dei uma última olhada naquele espelho quebrado. Meu reflexo expressava o

que eu me tornei, uma criatura renascida do fogo maldito.

Eu me voltei para meus irmãos e partimos para outro reino, onde eu podia sentir alguém tentando desvendar os mistérios da caixa de Lemarchand.

UM ESCRITOR NADA ORIGINAL

Era um fim de tarde frio de inverno quando deixei a rua molhada pela chuva de algumas horas e adentrei o prédio Gouderts. Fui até a recepcionista e informei que tinha hora marcada com o diretor da Editora Renzon.

A jovem moça de cabelos pretos e pele morena me informou que a sala da Renzon ficava no 25º piso. Entrei no elevador, cliquei no botão do andar desejado e esperei enquanto ele fechou as portas e subia.

Como eu era o único passageiro no elevador, fiquei olhando-me no espelho, eu estava bem, usava minha melhor camisa xadrez por baixo de um suéter, calça jeans e um pouco de gel no cabelo penteado para trás.

Pouco depois saí do elevador e andei pelo corredor estreito até a sala da editora Renzon. Bati na porta fechada e uma voz masculina no interior do aposento me mandou entrar, obedeci prontamente.

-Então você é o Sr. Miller? – falou o homem que se encontrava sentado atrás de uma mesa, aparentava ter uns 50 anos, cabelos grisalhos lhe contornavam uma calvície, sua pele era levemente rosada. -Eu sou Mustov, o diretor da Editora Renzon, meu cunhado havia me falado muito bem de você Sr. Miller, eu pessoalmente avaliei os originais de seu livro.

-Fico honrado Sr. Mustov. – falei, exibindo um sorriso formal.

-Mas, sinto te dizer que seu livro não se encaixa em nossa linha editorial. – começou Mustov, acendeu um cigarro, pigarreou e continuou: -Você escreve bem, mas sua história não faz sentido, é sobre um assassino que mata sem motivo, de forma aleatória, sabe? Acho que, de repente, terror não é pra você! Espero que não me leve a mal...

-Mas Sr. Mustov, meu manuscrito não tem que fazer sentido, pois que ele se trata de um testamento. – as palavras frias saíram pausadamente de minha boca, enquanto que meus olhos fuzilavam aquele homem velho e cansado à minha frente. -Eu matei cada uma dessas pessoas e deixei a última vítima para o final!

-Mas do que diabos você está falando? – Mustov indagou, levantando-se da cadeira, sua expressão era de assombro e nojo. -Então o maldito final do livro...

Ele não conseguiu terminar sua frase, pois seus olhos se arregalaram de horror quando me viram tirar uma grande e afiada faca de caça da cintura. Ele tentou correr, tentou gritar, mas não conseguiu. Ilustrei lindamente a última cena do meu livro, quando o diretor de uma grande editora descobria a identidade do assassino e sangrava como um porco à medida que as 13 facadas lhe perfuravam as costas e um sorriso doentio era aberto em sua face, de orelha a orelha.

O AUTOR POR ELE MESMO

Eu sou Allan Fear, um escritor de mistério e já tenho pouco mais de uma dúzia de livros publicados, revistas em quadrinhos e um canal no You Tube.

Escrever é uma arte onde as cores primordiais são o preto e o vermelho.

Eu tenho tantas histórias de horror para contar, a todo instante, não importa onde eu esteja e o que eu esteja fazendo, sempre surge aquela ideia horripilante. Às vezes acho que sou uma

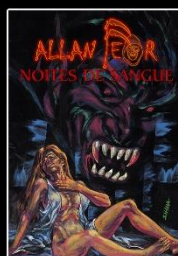
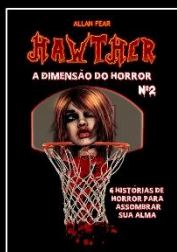
espécie de médium e estou a psicografar os pesadelos das pessoas à minha volta.

Quando começo a escrever eu assumo a personalidade sombria de Allan Fear. O meu lado humano, aquele que todos conhecem, dá um passo para o lado. Eu não me via como um escritor de terror, por isso criei esse arquétipo sombrio e animei o meu personagem, Sr. Medo, que é quem narra meus contos no You Tube!

Talvez você possa me achar excêntrico ou mesmo louco, eu não o culpo, as mentes por trás dos livros de terror estão sempre andando na tênue linha da insanidade.

CONTATO COM O SOBRENATURAL:
e-Mail: noitesdehalloween@gmail.com
Site:
https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

You Tube: Procure por: Hawther

CONHEÇA OUTRAS OBRAS
ASSUSTADORAS DE ALLAN FEAR

LEIA E TENHA BONS PESADELOS!

CONTATO:

e-Mail: noitesdehalloween@gmail.com
Site: https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear
You Tube: Procure por: Hawther